

LXVI

**Essa é de cabo de esquadra!
ou Essa é de Oeiras!**

Diz-se para comentar um grande desconchavo ou asneira, que outrem profere, ou faz:
«Essa agora é de cabo de esquadra! Queres levar luz para servir de chamariz?
Sempre discorres como a tua cara!»

(AUGUSTO SARMENTO, *Contos ao Soalheiro*.)

O dicionário de Fr. Domingos Vieira explica que estas locuções provéem de «serem os cabos de esquadra oficiais de bem pouco saber, mas já com fumos de comando».

Conta José Daniel Rodrigues da Costa, no seu *Almocreve das Petas* (1798-1799), vol. I, parte III, que um cabo de esquadra, tendo sabido que seu pai morrera em Oeiras e não lhe deixara nada, fôra áquela localidade para tomar satisfação ao pai, e que desta asnática resolução nasceram as locuções *essa é de Oeiras* e *essa é de cabo de esquadra*.

Cf. *razões* [ou *lógica*] *de cabo de esquadra*.

No mesmo sentido dizem os espanhóis: *Eso no se le ocurre ni al que asó la manteca*.

LXVII

Esperar pelo homem das botas

Esperar por uma pessoa que jámais chegará, por uma coisa que nunca poderá aparecer, por um acontecimento que nunca se poderá realizar.

Segundo a lenda, uma mulher casada, que se via desprezada pelo marido, recorreu a uma Moira para fazer que aquele voltasse ao bom caminho. A Moira aconselhou a inditosa consulente a obter uma hóstia consagrada. A mulher foi á igreja de Santo Estêvão, em Santarém, a horas de não ser vista, e do sacrário tirou uma hóstia, que, embrulhada numa baeta, levou para casa. Uma vez ali, foram ouvidos cânticos e vistas luzes, anjos em adoração e uma arca aberta, onde a hóstia estava entre um resplendor de brilhante luz.

Propagou-se a notícia do milagre, e os padres de Santo Estêvão recolheram a divina partícula e começaram as festas.

A hóstia estava manchada de sangue, pela ofensa feita de ter sido subtraída e transportada para fins de bruxaria..

Os padres questionaram depois a posse da hóstia. Queriam-na os Dominicanos, queriam-na os padres de Santo Estêvão, e, finalmente, exigia a sua posse a freguesia da mulher que a subtraira. Por fim ficou com a sagrada hóstia, por decisão episcopal, á igreja de onde havia sido subtraída.

Quando os Franceses, no princípio do século XIX, invadiram o nosso país, assaltando e roubando tudo quanto podiam, os Santarenos, receiosos de que elles lhes arrebatassem o Santo Milagre, levaram-no em segredo para a capela do patriarca, no palácio da Mitra, em Marvila, próximo do Poço do Bispo.

Após a retirada dos Franceses, em 1811, os Santarenos quizeram reaver o Santo Milagre, mas, dizia-se, os Lisboaetas não consentiam.

Uma bela manhã, em 30 de Novembro de 1811, nas esquinas de Lisboa appareceu o seguinte anúncio:

Noticia ao publico

Um official do exercito britanico, tendo apostado 500 libras esterlinas, que hade passar á travessa do rio Tejo na segunda-feira que vem, á uma hora depois do meio dia, em um par de botas de cortiça, principiando o seu passeio pela Torre de Belém, e d'ahi á Torre Velha. Estas botas são de uma construcção admiravel e curiosa; foram inventadas pelo mesmo official que faz o passeio.

Lisboa

Na officina de Joaquim Thomaz d'Aquino Bulhões, 1811. Com licença do desembargo do paço.

Na segunda-feira, 2 de Dezembro de 1811, o dia designado no aviso, todo o povo de Lisboa correu a Belém para ver o *homem das botas*; e, então, os Santarenos, que tinham arranjado aquele ardil para distrairem as atenções do Santo Milagre, meteram-no em uma falua e foram-se Tejo acima até Santarém, deixando o povo de Lisboa á espera do *homem das botas*.

A partida tem graça e revela engenho dos Santarenos, mas maior ainda é se se disser que os Lisboaetas não se opunham a que elles levassem o milagre, mas que os Santarenos fingiram esse

mêdo, que não tinham, para não fazerem grande despesa com a condução da relíquia sagrada com grandeza e pompa.

*

O *homem das botas* já tivera um predecessor, no século XVI, como se vê de um memorial dirigido a D. João III por um tal João Rodrigues, homem habilidoso e que oferecia o seu préstimo em muitos serviços de utilidade pública, o qual, dizendo ter descoberto o meio de extrair objectos do fundo das águas, acrescenta que *dará ordem como vá hum homem abaixo até estar lá espaço que possa fazer o que for necessario*. Imaginando que sua alteza o não acredite e lhe ponha objecções, pondera João Rodrigues que *não é este o caso do homem de Alcochete, que affançara vir a Lisboa por baixo de agua* ⁽¹⁾.

*

Caminhar sôbre as águas com botas especiais não é já hoje uma utopia, mas sim uma coisa absolutamente realizável, a dar-se crédito á seguinte notícia, inserta na fôlha parisiense *Le Journal*, de 16 de Abril de 1914: «**Bottes pour marcher sur l'eau**. Berlin (par le fil spécial). — L'inventeur Joseph Keiler a expérimenté avec succès des bottes pour marcher sur l'eau, et en compagnie du sous-officier Schnabel, du 1.^{er} bataillon du génie, il a couvert en trois heures trente minutes une distance de 20 kilomètres sur le lac de Chiem, en Bavière ».

Não sei se trata da mesma invenção, ou de outra semelhante, a seguinte notícia-reclamo publicada no jornal *A Imprensa* ⁽²⁾, de 30 de Junho de 1919: «**Andar sôbre as ondas**. Estamos decididamente na época das grandes realizações. O que não passava dos domínios do milagre ou da fantasia é hoje uma realidade. O caminhar sôbre as ondas de personagens bíblicas ou do homem das botas de cortiça encontra a sua verosimilhança na *idro-sky*, uma espécie de piroga minúscula, que se calça nos pés e nos permite pôr a caminho sôbre a água. Em Roma isto já é hoje um género de *sport*. As fotografias que mais flagrantemente reproduzem os

(1) Sousa Viterbo, *Escafandros*, in *Serões*, III, 16.

(2) Publicou-se temporariamente em Lisboa, por ocasião de uma greve do pessoal gráfico de todos, ou de parte, dos jornais da capital.

últimos exercícios de andar sôbre as ondas veem na *Ilustração Portuguesa* de hoje, que também publica etc.»

*

Segundo os Evangelhos, Jesus Cristo e S. Pedro andaram sôbre as ondas, em ocasião de grande tempestade, no lago de Genezaré. (*S. Mateus*, XIV, *S. Marcos*, VI e *S. João*, VI) — o que destitui de toda a novidade as subseqüentes excursões sôbre as águas — com botas ou sem elas.

LXVIII

Pelo sim, pelo não, || leva o chapelão

Variante :

Pelo sim, pelo não, || leva o teu gabão



Diz-se para prevenir alguém de que se acautele, para não ser iludido na sua boa fé

Com relação á primeira forma, ouvi no Cadaval a seguinte versão :

As raparigas de certa aldeia eram todas bonitas, mas de reputação muito duvidosa. Por isso, quando se efectuava algum casamento, o noivo levava na cabeça um enorme chapéu (o « chapelão »), para ocultar os vestígios que o mau procedimento anterior da noiva podesse produzir...

Na aldeia havia apenas uma rapariga tida por honesta e, como tal, respeitada por toda a gente.

Começou a cortejá-la um rapaz, a quem todos os outros olhavam com inveja, por ser o único da terra que não precisava de « chapelão ».

Chegado o grande dia, e estando os noivos já prontos para irem para a igreja, a noiva reparando que o rapaz, ao contrário do uso da terra, levava um chapéu muito pequeno, disse-lhe: *Pelo sim, pelo não, leva o chapelão.*

A história da variante *pelo sim, pelo não, leva o teu gabão*, é muito semelhante á anterior, e encontro-a narrada por A. de Jesus e Silva em *O Povo de Pôrto de Mós*, de 31 de Dezembro de 1914.